



Paróquia, aonde vais?

RECENTEMENTE, O PAPA voltou a insistir que encontrar uma

paróquia e, sobretudo uma igreja, fechada, é uma triste realidade. No entanto, há também tantos padres que, embora sozinhos, idosos e responsáveis por várias comunidades, nos dizem: “Já não damos conta do recado”.

Se à igreja falta o alento, não adianta sair para a rua! Pode parecer exagero, mas por trás destas minhas palavras está uma reflexão que me ocupa, há algum tempo, e me deixa preocupado. Estou, profundamente, convencido de que a orientação indicada pelo Papa Francisco está correta: o movimento do Deus bíblico e o movimento de Jesus aponta no sentido da saída; do avançar para os outros. Jesus era um mestre que rasgava horizontes; afirma-o um fiel de olhar límpido como D. ANGELO CASATI. Só assim os cristãos conseguirão caminhar juntamente com outros homens e mulheres, ao longo das estradas mais escuras. Só assim poderão colocar-se em sintonia com o que mora na sua

imaginação e no seu coração e os faz arder por dentro.

Em muitos casos, o ponto crucial é parecer já não existirem forças para realizar esta passagem. Há tempos, no meu *blog*, houve muitas leituras da mensagem de um padre alemão, pessoa brilhante e muito apreciada, que decidiu deixar o ministério paroquial e retirar-se para um mosteiro, após ter constatado que a sua comunidade cristã vivia como se fosse uma agência de serviços religiosos, sem que as pessoas ousassem empreender verdadeiros percursos de fé e conversão. Atualmente, a arquidiocese de Chicago está a proceder a uma operação de agrupamento e encerramento de paróquias, como, aliás, ocorre em muitas outras igrejas locais.

Há, depois, um número considerável de padres sujeitos a situações de fadiga, mal-estar e frustração. Entre estes estão aqueles que, na pastoral, se autoavaliam pela perda de relevância da própria função, e pela indiferença do povo, como também pelas suas problemáticas pessoais. Há os

que se encerram num espaço controlado e circunscrito, fazendo da paróquia um pequeno feudo ou fortim, uma dimensão fechada, com escassas relações com o mundo exterior. Entre aqueles que desenvolvem o seu ministério com dedicação e autêntico espírito de serviço, humildade e atenção às pessoas, de acordo com o Evangelho, há quem tenha dotes pastorais, e saiba criar um espírito de comunidade, de animar paróquias cheias de vida e calor, mas que, por outro lado, se auto avalia através de um limite sempre mais evidente. Quando se chega ao ponto de dar um passo de saída, quer dizer que as energias e o tempo não bastam.

Conheço párocos realmente com muito valor, que gostariam de frequentar casas e lugares de convívio, de iniciar novas relações com quem está longe, ou logo ali no limiar, que têm intuições preciosas, mas que as não conseguem concretizar, por a gestão das atividades tradicionais das nossas paróquias os absorverem por completo, tanto a eles próprios, como aos leigos dispostos a empenhar-se.

A atual tendência para aumentar as unidades ou comunidades pastorais (com estas denominações, ou outras), vem na sequência, a maior parte das vezes, de uma lógica de agregação somatória, ditada pela necessidade de obviar à escassez de padres, sem que haja uma verdadeira e adequada capacidade projetiva subjacente.

Tudo isto não faz senão alimentar uma mentalidade, para a qual a única via possível parece ser a da gestão do existente, renunciando, aos poucos, àquilo que já não é sustentável. O que vai afetar famílias e ordens religiosas. É um modo de pensar inevitável, enquanto se permanecer, apenas com alguns ajustamentos, dentro do modelo de paróquia pós-tridentina, e de uma sociedade substancialmente rural, cujo contexto sociocultural era o da cristandade. Estas paróquias eram pequenos universos autossuficientes, nos quais a pessoa era acompanhada por ritos, práticas e devoções desde o berço até à tumba. Isto já não é possível hoje em dia, porque as pessoas já não aderem, espontaneamente, a

esta modalidade invasiva de vida cristã, e vivem em contextos muito diversificados.

Penso, então, – e falei sobre este assunto, também recentemente, ao Conselho Pastoral da Diocese de Piacenza-Bobbio – num território onde diversas paróquias vivam uma pastoral integrada naquilo que diz respeito às atividades ordinárias: catequese, liturgia e sacramentos. Nem todos têm de fazer tudo; cada um age por sua conta, mas cada qual carrega a sua parte, numa comunhão comunitária, em que se raciocina e se apreendem as coisas em conjunto.

Penso em formas novas e diversificadas de comunidades cristãs, como, de resto, a exortação *Evangelii gaudium* nos convida a imaginar e experimentar. As pessoas necessitam de uma proposta de fé e de vida que lhes diga qualquer coisa e à sua situação existencial, sobretudo quando vivem em condições e momentos particulares. Pretendo investigar, numa

diocese ou em parte dela, comunidades extraterritoriais, em que haja quem se dedique a acolher, encontrar, escutar e acompanhar pessoas que vivam em condições que levem a que elas não sejam interpeladas pelas paróquias, tais como as conhecemos habitualmente, paróquias essas que nunca teriam a possibilidade de lhes dedicar atenções particulares.

Seriam, em suma, espaços de primeiro anúncio. Por analogia, o seu modelo poderia ser o das comunidades para os estrangeiros nas grandes cidades. Depois, em cada contexto local, seria preciso ler os sinais dos tempos, a fim de individualizar as pessoas às quais se deveria lançar um olhar privilegiado (jovens, casais, desempregados, doentes, idosos solitários...). Não se trata de uma solução, mas de uma hipótese a estudar. Corresponderia, no entanto, a uma igreja que palmilha os caminhos das mulheres e dos homens de hoje, compartilhando com eles, como fez o próprio Jesus com os discípulos de Emaús.